



resenhas educativas // education review

editores: gustavo e. fischman gene v. glass melissa cast-brede

revista de resenhas de livros, de acceso aberto, e multilingüe

1 de fevereiro 2012

ISSN 1094-5296

Resenhas Educativas é um projeto do National Education Policy Center <http://nepc.colorado.edu>

Siga-nos em



Souza, Ana A. Arguelho de. (2010) *Literatura Infantil na Escola: a leitura na sala de aula*. Campinas, SP: Autores Associados.

112 páginas

ISBN: 978- 85-7496-242-9.

Resenhado por Enilda Fernandes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (Brasil)



Literatura Infantil na Escola: a leitura na sala de aula, de autoria da Professora Dr.^a Ana Aparecida Arguelho de Souza, é resultado de quatro anos de trabalho desenvolvido, no âmbito da Pró-reitoria de Pesquisa da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – PROPP/UEMS. O livro oferece contribuições teóricas e reflexivas aos professores, acerca da literatura voltada à infância e, por conseguinte, chama a atenção à recuperação dos clássicos da literatura infantil como instrumento de leitura, em oposição ao uso do livro didático.

Apresenta-se a obra em duas partes. Na primeira, aponta as proposições teórico-históricas e na segunda, aborda a literatura na escola. Na introdução do livro a autora declara: “foi imperioso não só investigar o que de fato se tem chamado de literatura infantil [...] mas recuperar a relação infância-literatura” (p.1). Traduz tal intento a partir da indagação: *Literatura Infantil o que é?* Para responder, resgata as literaturas desde a Grécia Antiga, passando pela Idade Média até a sociedade moderna, com o advento do capitalismo. Neste último contexto, aponta a autora, realizou-se uma segmentação dessa literatura que, desarticulada do corpo literário mais amplo, tem suscitado controvérsias, cujo debate paira sobre a questão, *se há ou não uma*

Citação: Fernandes, E. resenha de Souza de Arguelho, A. A. (2010) *Literatura Infantil na Escola: a leitura na sala de aula*. Campinas, SP: Autores Associados, *Resenhas Educativas*, 15. Recuperado [fecha] de <http://www.edrev.info/reviews/revp82.pdf>

literatura infantil. A esse respeito a pesquisadora aponta escritores como: *Benedetto Croce* que nega a existência de uma literatura infantil. Para mostrar que consagrados nomes da literatura para crianças enfrentaram essa discriminação, Souza (2010) recorre ao que pensam escritores como *Cecília Meireles*, *Carlos Drummond de Andrade*, *Clarice Lispector* e *Ana M. Machado* que polemizam as discussões nesse campo. A título de exemplo, cita *Cecília Meireles* (1979) afirmando que as próprias crianças, por seus gostos e preferências devem definir *o que é ou não literatura infantil*. Postura um tanto libertária, adverte Souza (2010), porém, afirma que sob a supervisão do adulto a escolha da criança deve ser considerada. *Drummond* entende que a questão não é de gênero, mas de linguagem. A esse respeito, recomenda Souza (2010), deve-se refletir, pois na atualidade esse argumento é oportuno, uma vez que circulam entre os professores e alunos adaptações dos grandes clássicos, mas eivados de erros e com uma linguagem pobre e grosseira.

Qual seria então o critério para se destinar a criança uma obra literária? A base segundo a autora não é nem a relação “literatura para adulto *versus* literatura infantil ou infanto-juvenil, mas a qualidade estética da obra” (p. 14). Souza (2010) aborda que a verdadeira literatura encanta por meio de elementos estéticos e subliminarmente ensina a história humana forjando valores. A autora fala da literariedade de obras que não comportam o adjetivo *infantil*, mas que exerceram poder em muitas gerações de pequenos leitores, obras fascinantes pela leitura apurada que fornecem da sociedade e do ser humano. Discute também “a literatura-arte *versus* literatura degradada ou vulgarizada ou, ainda, pseudoliteratura, pois que tanto uma como a outra povoam o universo adulto e infantil, especialmente por meio da escola” (p. 16). Souza (2010) captou a polaridade dessa literatura degradada comparando obras de quilate, produzida por Ruth Rocha, Monteiro Lobato, entre outros, com aquelas temáticas veiculadas nas escolas, de um palavreado insosso e sem valor literário.

A parte intitulada *A produção material da literatura infantil* trata de questões de grande importância para o entendimento histórico da valorização do livro no interior do capitalismo, bem como, da valorização da infância e da produção de livros infantis, por parte da burguesia. Para melhor explicitar essa problemática, a pesquisadora aborda “o surgimento das manufaturas, no interior das quais a organização do trabalho evoluiu para um sistema de cooperação que gerou modificações de ordem qualitativa no modo de produzir mercadorias [...]” (p. 22), e assinala, nesse processo o livro se transforma em mercadoria. Outro aspecto importante que conduziu a pesquisadora ao exame de instrumentos de leitura reformulados pela burguesia na sociedade moderna foi a propalada vinculação da literatura infantil à escola e a família, pois

Se a política cristã medieval manteve o monopólio da cultura como instrumento de dominação de massas, ao capitalismo interessava que seus cidadãos dominassem a escrita e o cálculo, muito embora na medida de sua utilização para transações financeiras. (p. 24).

Esse caráter utilitarista da sociedade moderna, sublinha Souza (2010), faz com que a leitura reivindicada como útil a nova sociedade seja, não a da obra literária infantil, mas a do *manual didático*, tendo como expressão nesse domínio, os pedagogos Wolfgang Ratke (séc. XVI e XVII) e João Amós Comênio (séc. XVII).

Infância revisitada é o próximo tópico da discussão. *Revisitar* aqui significa recuperar a literatura destinada à criança ao longo da história, desde a literatura oral do povo celta, período anterior ao da Grécia, aos textos antigos e medievais, para então, debater de forma consequente a literatura infantil moderna. Souza (2010) discute e contesta a idéia de que nas civilizações anteriores à burguesa houve um desvalor da criança, visto que em sua pesquisa apreendeu inúmeras situações

em que a criança foi alvo de preocupações do adulto.

A autora desmitifica o discurso da valorização da infância e da literatura infantil pela burguesia e chama a atenção à “consideração da infância em sociedades anteriores e a produção de uma literatura voltada para crianças, no âmbito, é claro, das condições e aspirações de cada época”. (p. 35). Com suavidade e densidade a autora faz uma síntese de obras que creditaram a educação da infância: a literatura mítica, misturando o simbólico e o humano, o fascínio do *Oráculo de Delfos*, com seus mistérios, *Tirésias*, que detinha nas mãos o segredo dos destinos, o castigo eterno de Prometeu, as fábulas de *Esopo* (1997), as lendas celtas, vikings, as hagiografias medievais, as histórias da cavalaria. Além de todo esse acervo mítico, que contraria as teorias que defendem a inexistência de uma literatura voltada para crianças, a autora apresenta no livro III de *A República* passagens dos poemas homéricos adaptados e utilizados para fins pedagógicos. Posto isto, a autora afirma que na modernidade a psicologia e a pedagogia trouxeram contribuições importantes para o universo infantil, mas não para formular o conceito de infância, isto sim, para redimensioná-lo.

O próximo tópico, *As múltiplas dimensões da literatura infantil*, é dividido em três aspectos: a dimensão histórica, estética e pedagógica. Segundo Souza (2010), pela sua dimensão histórica, a obra de ficção revela valores da época em que esta foi produzida e isso se deve ao fato de que, para além da história em si, que pode transportar o leitor para outras épocas, a linguagem e a estética usadas revelam sua época. Para mais bem mostrar o que se está denominando de dimensão histórica da literatura, Souza (2010) analisa o conto da *Cinderela*, na versão de Perrault (1697) e mostra que a narrativa instaura de modo simbólico, sutil e encantatória a luta entre a burguesia e as forças feudais. Por exemplo, esse conto nasceu na China, mas no Ocidente foi adaptada a diferentes condições históricas servindo a difusão de diversos valores. Além desse, a autora analisa outras narrativas como: *Robinson Crusoe* (1719) de Daniel Defoe, *As Viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift, *As aventuras de Pinóquio* (1881) de Carlo Collodi, *Alice no País das Maravilhas* (1862-1865), de Lewis Carroll.

Na dimensão estética, a autora trata dos componentes que estruturam uma obra literária expondo os elementos que dimensionam o texto literário, como a narrativa, a linguagem, os elementos estéticos que compõem o universo do *maravilhoso*, como fadas, bruxas, anéis mágicos, talismãs, botas de sete léguas enfim, tudo aquilo que faz com que a obra “atinja a sensibilidade do leitor, altere seus horizontes de expectativas e sedimente valores formativos” (p. 59). No universo simbólico do maravilhoso, há infindáveis entidades que têm funções sociais variadas e bem definidas, expressando as diferentes sociedades, cada uma dentro do seu tempo. A autora aborda e analisa também os principais gêneros que compreendem a literatura infantil, distinguindo-os quanto à variação na estrutura. Souza (2010) pontua que os diferentes gêneros que povoam a literatura clássica voltada para criança devem ser compreendidos e aprofundados, como condição do trabalho didático. Não é raro se deparar com professores que não distinguem a dimensão estética da obra. Todavia, se se pretende assegurar à literatura uma função enriquecedora no trabalho didático é preciso apreender aquilo que lhe confere sentido “o modo como ela organiza sua trama, e não apenas a trama”. (p. 67). Assim, se o professor não domina o estético, ele perde as dimensões do texto literário e, com efeito, o conteúdo no âmbito pedagógico.

Analisando o vínculo da literatura com a educação a autora afirma que o conteúdo literário possui uma dimensão pedagógica, entretanto os professores só poderão assegurar a qualidade dessa dimensão se penetrarem “o caudaloso acervo literário legado pelos antigos e modernos do qual o professor pode haurir ensinamentos e transmiti-los às crianças, para alargar seus horizontes” (p. 71). É por este ângulo exclusivamente que se pode conferir à literatura o valor enquanto dimensão pedagógica.

A parte II, *A literatura na escola*, aborda o destrato da escola com a obra literária, daí o título do capítulo, *A escola: Maria vai com as outras?* A analogia faz-se para a crítica, mas também para *tocar*, assim como Maria, a ovelhinha de *Sylvia Orthof* toma uma decisão a fim de caminhar no sentido inverso ao senso comum, não pode também a escola dar o seu passo inicial e refletir sobre a sua natureza e, com efeito, sua prática na atualidade? A autora mostra que historicamente a escola está ligada a proposta da escola moderna, inspirada nas manufaturas e instituída por Comênio, no século XVII, e tem na sua base o manual didático como instrumento de trabalho do professor. Seguindo, portanto, a lógica do modelo que lhe conferiu origem, reflete o trabalho didático na atualidade, tal como apregou Comênio “a aprendizagem de uma língua, em si não deve conter um saber [...] mas dominá-la tecnicamente [...]” (p. 78). Se se pretende oferecer alguma condição às crianças de ampliar seus horizontes, impõem-se o combate ao livro didático em vista do seu empobrecimento. Sua superação implica que no trabalho didático, “minimamente o aluno deveria ter acesso a antologias com textos literários significativos do ponto de vista não educativo, mas histórico e estético” (p. 79). Perseguindo essa problemática da ausência da literatura na escola Souza (2010) pergunta na próxima discussão: *Cadê a leitura da escola? O gato comeu?* Baseando-se em trabalhos de pesquisadores como *Zilberman* (1982), *Ezequiel T. Silva* (1985), *João W. Geraldi* (1984), *Smolka* (1991), além de depoimentos de alunos-professores, afirma seguramente que há um consenso sobre o prejuízo da ausência da literatura na escola. Ressalta ainda, “nada substitui a literatura na formação do homem, [...] quase a totalidade do patrimônio cultural que a humanidade legou a nós, modernos, está depositada nos livros” (p. 89). Todavia, atesta categoricamente a autora, esse patrimônio não está nos livros didáticos. Estes estão muito aquém de atender as necessidades de leitura dos alunos em qualquer etapa da educação básica. Desta feita, propõe-se que nas séries iniciais faça-se da leitura das obras clássicas da literatura o eixo fundamental do trabalho didático. A despeito do cenário sombrio da literatura e da escola não há que se sucumbir frente ao maciço uso de manuais didáticos. Assim, no próximo tópico, *Por mares muito poucos navegados*, Souza (2010) afirma que o caminho é fazer o enfrentamento ao uso do livro didático. Esse instrumento didático balizado a partir da organização manufatureira do trabalho reflete o pragmatismo da época e é, com efeito, a *encarnação* da negação da possibilidade de um conhecimento mais elaborado. Frente a isso, a autora propõe uma nova didática como o caminho à construção da cidadania. Nesse sentido, o intuito deve ser o de “reivindicar instrumentos de leitura que permitam, por meio do exercício diário da leitura, o domínio da linguagem e do conhecimento, especialmente nas escolas públicas” (p. 91).

Vê-se que paradoxalmente e historicamente, desenvolveu-se, por meio da educação na infância e na adolescência, um sentimento de desinteresse pela leitura, na educação da vida adulta. Em sua discussão, a autora resgata a literatura ocidental, mostra a importância da literatura na escola em múltiplos aspectos e propõe um *antídoto* a esta situação. Desta feita, apresentada a obra, faz-se necessário estabelecer alguns comentários gerais sobre o livro em seu conteúdo. Se considerado em suas 112 páginas, o livro é pequeno, porém, grandioso em densidade de conteúdo, de história e de atualidade. De fato, pode-se referenciar essa obra como um presente para os leitores, especialmente, para os professores dos anos iniciais da Educação Básica, pois os escritos nele impressos oferecem subsídios teóricos e marcam elementos fundamentais para reflexão sobre o tratamento que é dado à literatura na escola. Encontra-se nele a fonte para despertar, no âmbito da escola, o gosto pela leitura e, com efeito, na vida da criança a sua vitalidade. A abordagem teórico-metodológica, na perspectiva histórica, confere claramente às discussões tratadas no livro um tom maior, por meio das categorias singular/universal. Por essa perspectiva a autora revela a historicidade do manual didático, por conseguinte, a razão da vulgarização do conhecimento, e

mostra historicamente a ineficácia do livro didático para a formação do aluno leitor.

Objetivamente, Souza (2010) assumiu nesse livro uma dupla tarefa: o espírito combativo ao livro didático, pois que, esse instrumento que vigora com espaço significativo, até hoje na escola, obsta à criança aquilo que é parte de sua infância, *a fantasia*, obsta os elementos para uma formação mais dinâmica com “um pouco da magia da vida, da história do mundo e da cultura em diferentes civilizações” (p. 4). E para dar consequência a essa oposição, procurou explicitar “para a escola uma didática que se aventure pelos mares poucos navegados da literatura infantil, especialmente da literatura clássica” (p. 100). A autora propõe que na organização do trabalho didático escolar o livro didático seja superado, pois que, a leitura de obras clássicas constitui o recurso que permite “compreender a natureza histórica de todas as questões humanas” (p. 100). Vale então, um convite aos professores e futuros profissionais da educação, ler os escritos deste livro, conforme sugere a autora em relação à leitura da obra literária:

[...] que o faça com coragem e o espírito de aventura dos grandes navegadores, com o que os motivou a navegar: as grandes descobertas, os segredos de novos mundos, a vontade de imprimir em solo estranho a própria marca, de inaugurar um novo reino. Para que na escola tão dilacerada, outro valor, mais alto, se alevante, como diria Camões. (p. 100)

Para a autora, descobrir os segredos de novos mundos, pisar em solo estranho e imprimir-lhe uma marca própria, consiste em reivindicar a literatura como metodologia fundamental nas aulas de língua portuguesa [...] (p. 92). Encerra-se essa leitura, mas continua a reflexão “Não deixemos, pois, que a ausência do livro destrua, na infância, os homens e as mulheres de amanhã” (p. 101). Perder esse instrumento, é perder-se na nossa própria possibilidade de humanização, como bem ilustra a autora: mais perigoso que o monstro do mar de Ulisses é “o monstro da nossa própria desumanização” (p. 101).

Sobre a autora do livro: Ana A. Arguelho de Souza, possui graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras Dom Aquino (1981), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1994) e doutorado em Letras - UNESP - campus Assis/SP (2003). Atualmente é professora titular da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Tem experiência e atua nas áreas de Educação e Letras, com ênfase em História da Educação, Teorias da Literatura e Literatura Brasileira. Além da autoria deste livro, é autora dos livros *O mundo dos homens gregos e latinos* (Editora UFMS) e *O humanismo em Clarice Lispector: um estudo do ser social em A hora da estrela* (MUSA Editora). É organizadora da obra *O processo educativo na atualidade: fundamentos teóricos* (Editora UNIDERP); do *Caderno de Linguagens Conceituais* e *Caderno de Linguagens Estéticas*. Possui artigos publicados em revistas qualis A e B, na área de Educação e Letras, bem como capítulos em livros. anaargulho@yahoo.com.br

Sobre a autora da resenha: Enilda Fernandes. Licenciatura em Pedagogia, Mestrado em Engenharia de Produção com ênfase a Mídia e Conhecimento pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Doutoranda em História da Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campo Grande, desde 2001. enilda@uems.br

O copyright é retido por o/a autor/a quem otorga o direito da primeira publicação a
Resenhas Educativas/Education Review
<http://www.edrev.info>



Editores

Gene V Glass
glass@edrev.info
Gustavo Fischman
fischman@edrev.info
Melissa Cast-Brede
cast-brede@edrev.info
